

20 de Novembro de 1904

O JOGO

II

Si, abandonando a feição porque estudamos o jogo em nosso primeiro artigo, occuparmos-nos hoje de comparar o que se faz no jogo do bicho e as loterias estrangeiras que, não obstante terminante disposição da lei, correm por ali abundantemente, temos de admitir a benevolencia que ha para os vendedores deste contrabando e a excessivo rigor com que são tratados os bicheiros.

Si o bicho é um mal, entretanto é um mal que tem a attenção de que o dinheiro que circula passando de mão para mão, diariamente, não sabe deste meio, e consequente não diminua a fortuna collectiva, cujo total permanece o mesmo, posto que as parcelas tenham passado de uma para muitas mãos, ou o que todos os dias se verifica, e está mais de accordo com as condições da actual sociedade, de muitas mãos para uma.

As loterias estrangeiras, cujos bilhetes, não ha quem não saiba por quem são importados, não ha quem não saiba a porta por onde entram, pois até não se ignora que um representante do clero é intermediario no contrabando, são um mal ainda maior porque o dinheiro nellas sacrificado é uma parcela que se diminua na fortuna collectiva do Estado, pois este aqui não fica e novamente volta.

E não é pequena a quantia que nos fuge por tal meio: calculamos, sem receio de errar, que os agentes os mais conhecidos e os mais clandestinos, vendem annualmente um milhão de 429 contos de reis, só nesta cidade, isto é, aproximadamente 1.300.000 diários, que escapam ao Estado pela valvula das loterias de Montevideo e Buenos Ayres.

E contra isso, entretanto, que é que se faz?

Nada. As loterias campeiam livremente e a repressão que se move ao contrabando é apparente e, como tal, inefficaz.

Não nos occuparemos aqui das demais loterias que reservamos para objecto de novos artigos, visto como differença porque é tratada uma exploração criminosa, porém nacional, tal o bicho, que sofre todo o rigor da lei, e até, muitas vezes, o peso da iniquidade, dos odios, das rivalidades, das antipathias, etc., e aquella como é supportada nua outra exploração da mesma natureza, porque tambem é jogo, e mais criminosa ainda porque ha fei expressa contra a sua circulação, e, além de infringir essa lei, sendo estrangeira, vem até nós contrabandada, e com sua analyse assumpto sobrejo para hoje.

O jogo si é condemnavel, deve ser o em essencia, pouco importando a forma e a procedencia: o jogo é condemnavel porque é jogo, tal deve ser o dilemma.

Entre nós, porém, isso não é uma verdade: o jogo é perseguido nas casas de tavolagem, onde reúnem-se os pobres, os desprotegidos, é applaudido, é permitido, é admittido nos clubs, onde é bem possível que os mesmos que cercam as casas onde reune-se a canalla, representem com requinto de arte, com mais polidez, as scenas tristes que o Zé Povo representa em torno á meza de vispóra, a bacía da roleta, a banca do lasquinet.

Como se pôde comprehender, pois, moralidade na repressão da jogatina?

Os privilegios nunca foram mozaes, e os privilegios para o exercicio do mal são condemnabilissimos.

Porque razão pôde o rico, acoberto da perseguição da policia, jogar e o pobre deve ser perseguido?

Onde está o vicio? no que joga, tendo quanto precisa, pelo prazer de jogar, ou no desgraçado que falta do necessa-

rio, endividado, não tendo quanto basta ás suas necessidades, vai, com um pouco, tentar obter o que precisa?

Dirão muitos que o vicio está com os primeiros, mas os segundos carecem de uma repressão, porque, para que um se salve desta precaria condição é necessario que muitos outros aggravem ainda mais os seus males.

Este argumento é uma verdade, concordamos; esta, porém, não é a condição em que nos collocou a sociedade com as leis convencionaes a que obedece? O grito que ouvimos a todos os instantes na lucta tremenda pela existencia, no vasto campo das miserias, não é este: — Salve-se quem puder?! O homem não é forçado a ser misantropo dentro do seio da sociedade em que se agita, levado pelas necessidades proprias que só podem desaparecer pelo gerar de mais terríveis carencias alheias?

Si assim é, pois, para que preoccuparmos tanto com este mal, quando é produzido pelo jogo, deixando entretanto sem o nosso cuidado curador tantas multiphas cousas que o produzem tão abundantemente?

O meio unico de curar um mal é fazer desaparecer as suas causas determinantes, as fontes geradoras, e quando o Estado é impotente para destruil-as, deve tratar de harmonizar o mal com os interesses do Povo e não persegui-lo imprudencia e systematicamente, em detrimento destes, de que resultara o seu desprovelito.

Ha duas fontes que dão origem ao jogo em nosso meio social — a necessidade e a liberdade que tem as classes favorecidas de jogarem.

Os jogos prohibidos para o Zé Povo são feitos livremente pelos potentados e isto irrita os que estão embaixo que emperram em gozar o que os demais gozavam: o bicho é perseguido, as loterias estrangeiras circulam quasi livremente, porque as loterias são a diversão dos ricos, os bichos o vicio dos pobres.

Rogério Varella.

Escavações

Ai de ti, ai de ti! se eu não buscasse conter o meu desejo... Onde a capella, onde a tua coroa de dozeella se a furia deste amor cu não domasse?...

Depois... quando a razão em ti lembrasse a falta commettida... ai for singella! tu devias curvar a fronte bella, talvez que a dor do opprobrio te matasse!

Ah! não! Jamais por mim sintas na vida um momento de dor! Nunca, o querida, por tua linda face corra o pranto!

Que esses olhos de luz com que me abrasas, não possam ver, o anjo, as tuas azas manchadas... e por mim, que te amo tanto!

Porto Alegre. Luiz da Motta.

Liberdade profissional

IX

(Conclusão.)

Não quiz o illustre representante do Ministerio Publico convencer-me do erro em que estou.

S. Ex. limitou o seu recurso ás seguintes considerações:

« Não precisa de longa refutação a doutrina ora proclamada no despacho recorrido, pois disse se encaregaram diversas decisões dos nossos tribunaes.

Assim pela Camara Criminal deste Tribunal, em accordo de 4 de Maio de 1898, foi condemnado Antonio Carneiro

da Silva pelo facto criminoso exposto na denuncia, sentença essa que não foi nesse ponto reformado pela Camara Criminal da Corte de Appellação.

« Bem sei que é facil aos que dispõe de vasta cultura juridica, como o illustre representante do Ministerio Publico empolgar em um vao de agua o conjunto de uma doutrina, descortinar logo a verdade, e desprezar como indiqnu de refutação a opinião contraria. »

Seja, porém, permittido aos mais ignorantes o erro, até que se me demonstre o absurdo dos meus argumentos e as fallas da minha doutrina.

Não foi, porém, feliz o illustre representante do Ministerio Publico no caso julgado que invoçou.

Antonio Carneiro da Silva foi condemnado pela Camara Criminal do Tribunal, civil e criminal, não por exercer illegalmente a medicina, mas como incurso no art. 157 do Código Penal, por praticar o espirítismo com o fim de illudir a credulidade publica.

As hypotheseas são bem diversas. Demais, a condemnação não passou em julgado.

A Camara Criminal da Corte de Appellação, em accordo de 13 de Dezembro de 1898, não proviou ao recurso, julgando prescripta a acção.

Portanto, não tendo sido convencido da imprudencia dos argumentos que expendi e que já mereceram a honrosa approvação do illustre representante do Ministerio Publico no processo instaurado contra o curadeiro Juvencio Serafim do Nascimento, — mantenho o despacho recorrido e submetto á decisão do Conselho do Tribunal civil e criminal.

Rio, 8 de Maio de 1899.

Eraucisco José Viveiros de Castro.
(Extr. do "Jornal do Commercio" do Rio.)

Depois de transcripto a luminosa peça juridica e literaria do illustre juiz da Camara Criminal na Capital Federal, a qual os leitores do "Exemplo", acabam de ler, nada mais me é permitido dizer acerca de tão importante assumpto, o qual foi, a meu vêr, magistralmente discutido á luz da verdade e da razão, pelo eminente juiz.

Porém, ainda resta-me tão sómente dizer duas palavras ao illustrado corpo medico de Porto Alegre.

Não me quero assemelhar aqui o sr. dr. Duprat no seu odio aos medicos não diplomados.

Não, não tenho nem alimento esse proceder em relação aos senhores formados em medicina, isso nunca, porque só acho isso proprio dos pequeninos.

Si alguma coisa sinto, é justamente o contrario; entre os medicos de Porto Alegre ha muitos que admitto e até venho pelo seu saber.

A estes apóstolos da sciencia verdadeiros, discipulos de Hypocrates, a estes a quem devo muitas e proveitosas lições, como uma homenagem aqui faço m-não de seus nomes: Olyntho O. de Oliveira, Protasio Alves, Decolecio Pereira, José Carlos Ferreira, Israel Rodrigues de Barcellos Filho, Albeito de Campos Velho, Serapião Mariante, João Pitta Pinheiro, João Plinto de Castro Menezes, Carlos Wallau, Iguacio Landell de Moura, Luiz Masson, João Luiz Pires de Castro e Licério Seixas.

Pensando ter, pois, bem eu mal, lavrado nestas linhas o meu protesto, na parte que me toca, ao que foi proferido pelo sr. dr. Duprat no Centro Medico Pelotense, declaro que não sou, senhores, um especulador, e nem me julgo com falta de aptidão para cousa nenhuma, sendo para explorar a um tempo a lei e a credulidade publica.

Especulador e explorador da lei e da credulidade publica — são personagens de outra estofa — os quaes só por andarem de cartola e luvas de pelicas a medirem as ruas da cidade, julgam-se

sabios e como tal autorizados a dictarem leis, aos usos e costumes de uma sociedade, assim no mais, a laia de Don Quixote. Estes sim, são os exploradores — não eu.

Rio Pardo.

Lindolpho Ramos.

A morte do Caldas

Por ventura a leitora bondosa e amiga já assistiu um espectáculo de nossas sociedades ou alguma da roça, em que fossem jogadas scenas commovevedoras e tristes, capazes de arrazar de lagrimas os olhos dos espectadores mais sensiveis?

Pois bem, o humilde rabiscador destas linhas, sem verve e sem espirito, vai imparcialmente narrar-vos, ou antes, com estorços supremos fazer-vos sentir as impressões que sentiu em um desses espectaculos.

Representava-se um drama em trez actos e como todos os dramas vivava tão sómente castigar o vicio, elevar a virtude; verdadeira peça de educação, mostrava á mocidade incauta e despreocupada os escolhos sinistros da perdição.

Arthur, o protagonista da peça, apaixonava-se loucamente pelo jogo, pelas mulheres e pelo vinho (olha que não é *As mulheres, o jogo e o vinho* de Paulo de Kock) e pouco a pouco, accedendo dos conselhos perdidos de um seu companheiro, mais maduro em annos e tambem mais perdido, ia estupidamente esbanjando a fortuna que seu velho pae conseguira em rudes labores e que mais tarde com perspicacia soubera multiplicar.

Arthur, como dizia, tinha um amigo, porém este trahia-o, enganava-o, roubava-o, pois, ultimamente emprestava-lhe dinheiro com alto juro para que elle jogasse, e are como era abiscuitava-lhe depois o dinheiro á banca do jogo.

Arthur desprezava os seus conselhos de um seu primo, de seus amigos e de seu velho pae que chamavam-no ao caminho do bem e da honra.

A corrupção de Arthur, sua vida dissoluta, desenfreada e louca, o maldicto vicio que affastava-o, que fazia-o repudiado da sociedade, todo o desgosto por isso produzido, fora dia a dia enfraquecendo aquelle orgaenismo já gasto, cansado, aquella alma de pae bondoso e tolerante que soffria immensamente, e o soffrimento desenvolveva dentro em pouco uma enfermidade cruel — a phthisia — que em breve matou o desgraçado velho.

Interpretava esse papel o Caldas, homem de seus quarenta annos, de estatura alta, gordo, barrigudo, de bigodes grossos, rosto largo, era conduzido ao proscenio em uma cadeira (pois o velho já não podia andar) tossindo quasi que ininterruptamente, cadaverico, orquejante, já mais morto do que vivo, pronunciando a custo algumas palavras entrecortadas de gemidos dolorosos.

Quando estava o velho em uma de suas mais terríveis crises de tosse, surge-lhe Arthur, que já vivia affastado de casa, completamente bebado, desesperado, louco, tendo perdido no jogo o pouco que lhe restava.

Esta commoção violenta, occasionou a morte do bondoso velho.

Imagina, pois, queida leitora o effeito que causara o apparecimento do Caldas em scena. Manira-se elle de uma cadeira branca á Luiz XV e sem methodo esfregára gesso no rosto, ficando então estupidamente feio o seu rosto achatado, carnudo e assignalada de hexagas.

Mal o Caldas appareceu em scena resoraram estridentes gargalhadas e a proporção que elle fallava tão desembarradamente como se não fora velho e se não estivesse á morte, augmen-

tava o delirio, riam-se a bandeiras despregadas, até que finalmente o Caidas simulava a morte; e então unica, tremenda! Estridente gargalhada foi confundir-se com os gemidos céticos de dór que provavam a força e o vigor do Caidas, que não parecia o velho cansado, doente que morria.

Os espectadores n'um delirio immenso applaudiam freneticamente os bizarros amadores, não sei se por estímulo ou se por ironia; mas oh! fatalidade! oh! má estrella que conduzia o Caidas! A morte do velho punha termo ao espectáculo e o panno de bocca descerá até o meio e parará; puchava-n'o, gritavam dentro dos bastidores e o panno não se movia!

Novas e ensurdecedoras gargalhadas obrigavam aos outros personagens que cercavam o velho nos seus ultimos momentos a fugirem espavoridos para os bastidores, deixando somente em scena ainda sentado e morto o pobre do Caidas!

Dizer-se então o que se passou, é impossível; porém, eu me lembro ainda, o Caidas envergouhado, n'um arrojio sublime, levantou-se a custo, foi cambaleando e cahiu junto a uma porta deixando fóra do proscenio os pés.

N'este momento então a confusão foi enorme, gritos, gargalhadas, cadeiras alevantadas, faniquitos e o diabo a quatro, e o panno que tanta coisa deveria esconder, se manteve ainda a meio, insensível a todos estas scenas, durante algum tempo e derrepente cahiu resolutamente, dando forte pancada nas cannellas do infeliz Caidas que resussitou, gemendo um enorme e doloroso — hui!

E assim terminou o espectáculo, assim fez o Caidas a sua estrea, e ainda rindo-se sahiram todos os convidados e também o CASIMIRUS.

Tempo perdido!

A nada disto o bruto se move! CASIMIRUS.

Reclamei do governo do Estado reparação á lei que em tempo ido privou-me dum direito adquirido. bifou-me boa parte do ordenado.

E firmei-me em principio consagrado, — neste eterno principio, bem sabido: «que a lei não torna ultraz.» Tempo perdido!

Repliquei, insisti. Tudo baldado!

Por não ter produzido este argumento, um amigo me disse: «Amigo meu, empurra-lhe uns empenhos, ao intento...»

Empurro um figurão, que passoos deu; empurro dum chefe de valimento; a nada disto o bruto se moveu! Porto Alegre. M.

A queda da monarchia

por LUIZ DA MOTTA.

Comediasinha em que são actores o porteiro Seixas, sua mulher Clarimunda, Rosinha, filha do casal e Juquinha, sobrinho. (Continuação.)

Rosinha tem-se erguido e fica a othar para o primo. Alto:

Pois é verdade! Que povo! Somos um povo de heróis! O maior do Mundo Novo! Oh! maior que vinte séas! Si o brasileiro existido nas prisças éras houvesse, seria o povo escolhido!

Para a prima:

Priminha, não lhe parece?

ROSINHA

O primo não quer jantar?

JUQUINHA

Jantar! eu!... Jantar!... Quem janta, tendo o peito a transbordar d'alegria... tanta, tanta?

ROSINHA

Pois fique... fique ahí tendo, ou fique ahí declamando...

Retira-se.

Desalinhavos

Eu não pedja comprehender qual a razão porque o Arjosil, um rapaz tão moço, de physionomia realmente tão sympathica, era inimigo da dança.

Julguei que fosse por nunca ter cantado e dançado a chimarrita ou porque jamais tivesse dedilhado no cavaquinho os compasos de alguma polka em voga. Qual! nada disso!

Graças ao Pedrinho, fiquei sabendo o motivo da pronunciada egriça do Arjosil por esse genero de diversão. Contou-me o indiabrado Pedrinho:

— O Arjosil bem que gosta da dança, mas jurou nunca mais dançar devido a varios factos que lhe succederam.

A primeira vez que dançou, foi em uma reunião familiar. Imaginem: a sala pequena, muitos pares, quando dançava, dava bordoadas a torto e a direito, á laia de pancada de cego; chegando ao ponto de um dos convivas exigir-lhe uma explicação: da razão porque lhe tinha dado tão tremendo sóco no peito. E quasi arma-se, divido a isso, grosso sarilho.

A segunda vez, dançou, em um salão de amplas proporções, não houve sócos; mas não houve morena, que com elle dançasse, que não ficasse com os riginhos magoados: desde esse facto data a ogirisa do Arjosil pela dança, conclui o Pedrinho.

A ser exato andou mal, mas mesmo muito mal! o Arjosil em condonar os bailes pelo facto de ser infeliz nas primeiras vezes que dançou, sem ao monos ter feito uma apprelinagem indispensavel!

Faça como eu fiz, seu Arjosil, que primeiro dansei a chimarrita, o boi barrozo, e isto ao ar livre para não magoar o assoalho do predio, nem os rios pesinhos das morenas que, embora, não tenham bom cheiro, devem sempre ser admirados... de longe. S. Pereira.

BOBAGENS

O dinheiro. — Muitos nomes dá o vulgo ao dinheiro. Chama-lhe, ás vezes arame, coisa com que se compra os melões, móla real da riba, musica; outras vezes, dá-lhe proprio nome — dinheiro.

Tem o nome de arame, por causas das contendas que havia constantemente entre os proprietarios de terrenos cujas divisas não eram cercadas, mas que, para fazel-a, era necessario ter dinheiro para comprar arame...

Os portuguezes, que possuem appetite fanatico para trazer um melão, costumavam dizer quasi sempre, quando enfrentavam uma quinta (Portugal) com

pés dessa fructa: «Ah! si tivesse na bolsa a respectiva coisa com que se compra aquelles melões!...» Dahi, originou-se o nome que acima citamos.

Musica é dos nomes cuja origem é mais complicada; resume-se nesta visita de Blanquini compositor de musica, em Milão; esse distincto maestro foi visitar o filho do celebre Mozart. Chegou ao seu escriptorio, e deu-lhe entusiastica felicitação pelo seu nascimento tão illustre. O descendente de Mozart era um tanto grosseiro, e replicou impevectivamente.

— Então, é realmente o filho do incomparavel e immortalissimo vulto, que se chamou Mozart? interrogou Blanquini.

— Sim.

— Veit a esta patria das artes protegido pela sombra gloriosa de seu pae?

— Hum!

— Sem duvida cultivava com amor o violino ou o piano?

— Por quem diabo me toma o senhor?! Não gosto de musica!

— Como! pois não é musico?

— Não senhor; son banqueiro, a unica que me agrada é esta!

E mettendo as mãos ao bolso, Mozart filho tirou d'elle um punhado de luizes de ouro, que fez cair, tinindo sobre a secretaria.

— E' esta (continuou) a musica de que gosto?

Blanquini afastou-se indignado, como era natural.

Eis de onde se originou esse cognome do dinheiro — musica.

Thomas Hood exarou esta verdade: «não ha nota vibrante de alegria que não seja repassada por um som de tristeza». Leech, o auctor humoristico do interessante Punch padecia de tristeza e insomnia.

Paulo de Kock, que tantos livros picantes e cheiros de espirito legou á posteridade, era até casmurro.

Dizem alguns criticos que Urbano Duarte, um dos mais dedicados humoristicos brasileiros, era avassalado pelo mal da hypochondria.

E assim por diante...

Revista correccional

Já principiavamos a nos regosijar com o facto de passar 44 dias sem fazer falta a imprensa diaria de nossa capital, com raras excepção, o estylo escravocata das senzalas, que lhe era tão habitual.

Mas alegria... digo, delicadeza de trato nos gatos não é por muito tempo!

Tivemos mesmo a lembrança de ha-tear no topo desta columna a bandeira verde, symbolisando a esperança de vermos ainda um dia o rancor de

escravagistas impenitentes varrido das columnas dos jornaes; pois recebemos sobre o facto, congratulando-se commoço, diversos cartões portaes.

O Arjosil, sobraçando umas dezenas de foguetes e algumas caixas de traques, trazia a metralhadora do pensamento carregada com um discurso, que era uma verdadeira bucha intellectual, prompto a fazel-o disparar ao primeiro estampo da bomba que salvasse tão glorioso desideratum: nos oppuzemos a tão explosiva expansão; porque se a victoria a tal respeito, corouando possos esforços, recommendava aos vindouros os nossos sentimentos briosos (bravos!) era uma dessas que significava tambem os vencidos, visto que tornava a sua blazonada civilização coherente com a bozafia dos sentimentos abalicionistas de seu passado.

Portanto consentimos apenas que elle fosse soltar p'ra lá, bem longe de nós, os traques em loivor a abenegação do noticiaria educado.

Tinhamos resollvido que um de nós dirigisse pelo telephone uma saudação ao Correio do Povo pela confraternização das raças, tendo por base a qualificação individual de cada um, quando um amigo nos advertiu:

— Não se afotem que isto pode ser manha de gambá embragado: esperem mais um pouco e depois... festejem.

O diabo do homem parece que estava advinhando: seu dito... foi o feito dos homens!

A neutralidade do Correio é em politica, uma coisa incontestavel, justiça lhe seja feita; mas em se tratando de descendente de africano que tenha cor, já o Correio deixa de ser neutro: não trata mais como ás outras pessoas! Tem cor... não é gente, não pôde ser — o individuo desordeito, é sim — o criolo desordeito.

Que saudades têm elles do cáptiveiro!

Imagino que de contrariedades não tragaram nesses 44 dias para sustentarem uma linguagem cortez, um estylo alvo, ao contento de todos!

E foram inchando, foram inchando e um bello dia...

— Também a gente, por causa d'O Exemplo, um asquin! ser obrigada a tratar esses negros como se fossem alguma coisa!...

E estouraram, bumba!

Hoanem, ás 5 horas da tarde, no becco do oitavo, o creoulo Camille dos Santos, armado de faca, promovia desordens, provocando os transeuntes.

O agente n. 99 effecou a prisão do desordeiro, que foi recolhido ao raizdre do 1º posto.

(Correio, de 14 de Novembro.)

Era preciso que o sol de 15 de Novembro não nos viesse a clarar que a Republica é o elo da fraternidade humana e não a cadeia que nos liga aos

IV JUQUINHA

vendo-a desaparecer: Com que voz o foi dizendo!... Com que andar se foi andando!... Na verdade, esta priminha é um petisco! se é!... Que graça quando caminha! Que seios! que mãos! que pé! Ha dias, que já me fala num tom!... que faz-me pensar... sim, pensar em desposar! Ama-me, não ha duvidar! Ouvem-se ao longe foguetes.

Foguetes?... Heim?... já começa o regosijo na praça?... Vamos com isso e depressa! Façamos parte da massa! Deuto ouve-se a voz do Seixas. Temos lá dentro angustada... E vá-se vêr que a arrelia tem sua causa amarrada á queda da monarchia... Oh! que a tia é monarchista, sei melhor do que ninguem... E o tio que abaixe a crista... Elle o sabe e eu tambem... Sae, pé ante pé.

V ROSINHA

muito desconsolada: Tenho pena de papá...

Pobre papá! soffres taunto! Mamá p'ra elle é tão má, que o torna de bom num santo! Sempre ás horas de jantar é isto!... E por que razão?... Basta papá recusar a sópa... temos furação... Por nada, joga-lhe um prato; por nada, as barbas lhe puxa; e o pobre, sempre pacato, sempre uanso, tudo chucha... Desta vez, teve a arrelia por causa (até custa crêr) a queda da monarchia... Foi um brigorio a valer... Ah! vem papá... Toma o jornal, fuge que lê.

VI SEIXAS

da catimplorio, mettido num frak que já não lhe serve:

Ora, óra... Fique desd' hoje entendido que é esta a lei: que vigora: — quem trança aqui, é o marido! Não hei de mais atural-a, nem covil-a me dizer: em falsele Olhe, o senhor quando fala, até nauseas me faz ter! Vae e vem. Desta vez trouxe a arrelia

(haverá loucura igual!) a queda da monarchia Cruza os braços. E o que quer ella afinal! Quer que eu vá buscar o rei?... Que o ponha outra vez no throno!...

Pusa. Não seja tola! bradei: ou vá dormir, se tem sonno! Jesus, Maria, José... como uma bomba que estoura, ergue-se... põe-se de pé... toma e alça-me a vassoura!

Tragicamente Clarimunda! Não me bata! Olhe que estou resollvido a exercer, desta data, minhas funções de marido!... Acalmande-se.

Disse-l'ho só... mas, de certo, se dá para mim mais passo, sentiria de mais perto a quentura deste braço...

Para a filha: Tua mãe ha muito andava Comigo muito enganada! Minha pachorra... tomava por cobardia...! mais nada! Hoje, que a Patria conquista a liberdade... devia ainda abazar a crista?... Não! Que um dia... um dia é dia! Vae e vem.

(Continua.)

Remetta o jornal para a casa n.º da rua para o Sr.

que deseja ser incluído no rol dos assinantes a contar de de 1904.

(Assignatura de quem remette):

nidorosos preconceitos; por isso surgiu mostrando-nos na imprensa que, petulante se arroga de ser o manto da civilização, (sic!) as borraduras que tornavam execravel os costumes da Monarchia, portanto não nos admirou que o caduco *Jornal*, escabujasse no mesmo lamacão estylistico do *Correio* o seu noticiário, e zas!

CONFLITO. Hontem, ás 7^{1/2} horas da manhã, deu-se um conflicto entre o **creoulo** Rufino Machado dos Santos e o **menor** Jorge Antonio, de 15 annos, nas proximidades do mercado publico.

Jorge, depois de tolerar por muito tempo as provocações daquelle, arrancou de uma faca e, travando lucta com o seu adversario, produziu-lhe um ferimento de 5 centímetros de extensão no braço esquerdo.

Compareceu ao local o inspector Bento Rocha, que recolheu os desordeiros ao 1º posto, sendo prestados, pelo enfermeiro Leonardo Gomes, os curativos necessarios ao ferido.

(*Jornal do Commercio* de 14.)

Já andavam doentes! 44 dias limpos, asseados de linguagem! Isso fazia-lhe mal; e teve a duração da celebre rosa de *Malherbe* o senso alto com que os jornalistas deviam tratar um publico de todas as cores.

Relata o leitor **creoulo** Rufino Machado dos Santos e o **menor** Jorge Antonio, de 15 annos...

Ora, bolas!
Ora, sebo!!!
Ora, petas!!!
Ora...!!!!

O homem que tenha cor, não tem direito a ser **menor** ou maior: a cor da epiderme não deixa julgar pelos traços physionomicos si trata-se de um moço ou de um velho: é o **creoulo**, tem se dito tudo.

Ora...! são uns *salvões* esses noticiaristas!

Podem me chamar de bobo, porque me preocupo com estas cousas, mas não me chamarão com certeza de sem-vergonha!

O inspector, sem quadro.

Folgedos Familiares

A' alliança. — A installação da Alliança dos Operarios.

A alliança é a cadeia com que encrentamos os compromissos tomados, afim de resolver-se um problema transcendente para consecução de determinada causa social, quando taes compromissos são pactuados por pessoas de principios adversos.

Por isso, com a alegria claudicante duma namorada que tem a idéa presa a duvida de ser ouro ou não a argola que lhe presenteara o noivo, symbolizando a alliança contratada, assomei aos umbraes do salão da *Alliança dos Operarios*, gozando o sonho doirado da alliança proveitosa de uma classe tão heterogenia em elementos quanto homogenea em fim e condição social.

O salão deslumbrava pelos artefactos que o ornavam, artistica e caprichosamente, o que foi feito pelo habil armador Saraiva. Nas paredes lateraes figuravam recamados de flores artificiaes os escudos com os nomes de todos os jornaes da capital e de diversas sociedades bailantes, destacando-se ao fundo magestoso trophéo que completava a luxuosa ornamentação.

Começou o festival pela annunciada

sessão solemne, precedida pelo sr. Exequiel Siqueira, que iniciou a série dos discursos com uma eloquente e bem architectada peça oratoria que poz em evidencia os seus innegaveis dotes intellectuaes. Fallaram em seguida: pela *Satellite Porto-alegrense*, o sr. Leocadio Dias de Lacerda; pelo *Petit Journal*, o sr. João de Moraes Cidade, e por esta folha o nosso director.

O bello sexo, que actualmente está disposto a tomar o lugar que lhe compete na vanguarda dos commentimentos humanos, contribuiu galhardamente para a imponencia do ceremonial da installação, adornando o altar elevado á *Caiope*, com as flores litterarias de sua intelligencia. Assim senhoritas Olga Wahrlich, Augusta Fravelina dos Santos, Vallinda e Noemia Campos fizeram ouvir bellos discursos.

Terminada a sessão magna que foi honrada com a presença do nosso amigo, o conspicio cidadão, o tenente-coronel Aurelio de Bittencourt, entregaram-se os convivas com toda a expansão ás delicias presididas pela *Terpsichose*.

E formavam uma alliança parasidaica dentro da qual nos trouxeram sempre envoltos nas innefaveis caricias de sua jovialidade, as graciosas directoras, Noemia N. Campos, Virginia Dias, Amalia Aguida Bernardina e os directores Adão Braz e Francisco Rodrigues; de maneira que mal o nosso espirito se desembarçava dos acordes divinaes da atitudinosa orchestra da qual fazia parte um harmonium magistralmente tocado, já o nosso coração confundia-se grato com as prodigas obsequiosidades que nos faziam dos prvantos de uma copa abrutadamente sortida.

Quando voltavamos ainda pelo braço de um dos cortezes directores, nos esbanavamos com o Nenê, com o Olimpio com o Julio, ou com gigantesco Luuro que tratavam de fugir espavoridos de nossa velhice para entregarem-se de corpo e alma á correspondencia da telephonia amorosa, cujo apparelho funciava no relançar dos olhares ternos e scintillantes e no entreabrir em sorrisos dos labios roseos das encantadores beldades que enchiam o salão.

Devem estar impando de esperanza pelo futuro risonho da sociedade os senhores fundadores da *Alliança dos Operarios*, pelo exito brilhante que alcançou a installação da mesma; pois tiveram a habilidade de com tantos e taes attractivos, fizessem eu deixar de ir ao *espectaculo* da Floresta, pelo que dou o cavaquinho.

Pompílio Pomposo.



Colhe amanhã, 21, no jardim florido de sua preciosa existencia, mais uma risonha primavera a distincta senhora **Honorina Oscar**, por tão gloriosa data cumprimenta.

20—11—904. I. F. H.

Notas semanaes

Donativos. Para a festa de N. S. da Conceição na capella do Sr. Bomfim a realizar-se no dia 11 de dezembro, responderam as circulares remetidas enviando donativos as seguintes pessoas:

DD. Roza Maria da Conceição 5\$, Serina Nunes Dias 5\$, Constança Ribeiro Bello 2\$, Mathildes Bordini 2\$, sr. Bonifacio Raymundo da Fontoura 2\$, dd. Alzerinda dos Santos, Ignacia da Silveira, Francisca Ribeiro Mello, Amelia Borba Costa, Idelvira Rodrigues, Maria Rangel, Josepha de Oliveira, Isabel Maria da Conceição, Ambrozia de Brito, 1\$ cada uma; Maria da Conceição C. Teixeira, Lina Totta Wilde, Rosalina Rodrigues, os srs. Raphael Salomande, Raul Machado 3\$500 cada um. Somma 27\$500.

Enfermo. Por carta que recebemos de Viamão, sabemos que se agryaram os incommodos da saude do nosso companheiro Alcebiades Azevedo dos Santos, sendo muito melindroso o seu estado. E' o seu medico o dr. José Pughia

Hoje durante o dia, estará aberta a concorrência publica a pharmacia Nacional, situada á rua Fernando Machado (Alvaredo) nr. 320.

Em commissão. Para o Laçado seguiu em commissão especial junto á collectoria dali, o nosso amigo, tenente Arthur Pinto Gama, talentoso official do thezouro do Estado.

Ferido. Nos conflictos ultimamente havido no Rio para as quaes têm servido de pretexto a vaccina obrigatoria, foi ferido o nosso amigo o 1º tenente dr. João Manoel de Araujo, que barcharelou-se na escola militar de te capital.

Da Platã. — Por absoluta falta de espaço e por nos ter tardiamente chegado, deixamos de publicar esta seççao em que um de nossos companheiros occupava-se do spectaculo do C. D. Floresta Aurora.

No proximo numero dar-lhe-emos publicidade.

Tomates

Hoje tudo está virado
De perninha para o ar:
O canalha é respeitado.
Ronca e se faz cortejar!

Se assigna no nosso jornal
Não paga-o, não paga-o, não!
E é um typo serio?... afinal
Não passa de um Zé... ratão!

Ha dias o cobrador
Catou um *cabra* na estação.
Pois pagou-lhe, por favor,
Por tres mezes, um patacão!

E nem mais, nem mais um X!
Disse tristonho o Pedrinho:
Pois o tal senhor Lestritz
Não é biscoito de raminho

Que não é duro de roer!
P'ra pagar elle é de ferro:
Pode portanto querer
Pagar o jornal a birra.

Por isso pois sem embargo
Fallemos do Jeremia
Que não chora de Carthago
As ruinas, hoje em dia!

Ao contrario somos nos
Que taes ruinas choraremos
Feitas por um albatroz.
Cujo nome não daremos.

Agora, leitor, si queres
Saber quem é o finorio,
Procura na Olympia Peres
O socio mais antigorio.

Não penses não que é o brillante.
O Fabio Nunes da Rocha.
Mais duro que o tirante
De granito de uma rocha:

Este, não; nos quer pagar
Quando armar as ratoeiras
Que os cobrinhos hão de caçar
Das meninas jardineiras.

PELANO CANGUABINO.

Calendario social

Instrução Familiar. A commissão constituída pelo bello sexo que frequenta esta futura sociedade, em attencioso officio que nos dirigiu, convida-nos para o baile sob a direcção das exmas. sras. Herminia Ferreira da Lima, Ilda de Souza Basto, Adelinha Moreira, Regina Ramos, Alice Galdino dos Santos e Cecilia da Rocha, cujo baile é dedicado aos associados da *Instrução Familiar* e deverá realizar-se na noite de 26 do corrente. — Penhorados agradecemos o convite.

Parabens. Ao sr. Adolpho Ferreira, enviamos os nossos parabens por completar a 26 do corrente o segundo anniversario nupcial.

Tambem dirigimos as nossas anticipadas felicitações ao nosso amigo José Maria dos Santos por passar a 23 mais um anniversario de seu enlace matrimonial.

C. D. Instrução Familiar. Fomos distinguidos com a gentileza de um convite para assistirmos o spectaculo que o sympathico «C. D. Instrução Familiar» realisará hoje, no salão de sua sede social.

Esta festa é dedicada aos distinctos jovens Horacio Cardoso, Juvenal Monteiro e Eduardo Lemos.

Gratos pelo convite.

Centro Recreativo. Para o baile que deve ter-se realisado hontem, fomos honrados com um convite.

Gracias.

Neo-nato. Ao sr. Candido José de Lima e sua exma. esposa, nossos parabens pelo nascimento de sua progenita Waldomira, registrada á 18 do corrente.

Proffagas. — Fizeram annos: A 15, a exma. sra. d. Maria da Gloria Oliveira, digna e virtuosa esposa do nosso amigo Manoel Delfino de Oliveira; o habil constructor o nosso amigo José André Gonçalves; e galante senhorita Centr, filha do nosso amigo capitã Sergio Aurelio de Bittencourt, digno funcionario da secretaria do interior; a interessante menina Sylvia, filha do sr. capitão Theophilo de Campos, honrado escrivão dos feitos da fazenda.

A 18, a d. Amelia Baptista Orsi.
A 19, a exma. sra. d. Laudelina Maria dos Santos, virtuosa esposa do laborioso constructor, o nosso amigo José dos Santos.

Fazem annos hoje, 20, o nosso amigo capitão Henrique Gomes Ribeiro, antigo e conceituado morado do arrabalde de S. Manoel; a senhorita Adelinha Moreira; o sr. Israel Sá Cordeiro; a sympathica e muito habil costureira senhorita Waldomira Ferreira.

Fazem annos a 22, a senhorita Cecilia da Silva, filha do finado Antonio Candido da Silva.

A 23, o distincto moço o sr. Raul Macedo Barbosa; o sr. Honorio da-Silva; d. Marcolina Francisca Rodrigues, intelligente amadora do centro dramatico Floresta Aurora; o nosso presado amigo Israel Baptista.

A 24, o distincto moço sr. Rafael dos Santos.

COMMUNICADO

Viamão, 7—11—904. — Não passou desaperecebida aqui a data de 2 de Novembro, consagrada á commemoração dos mortos.

Na igreja foram celebradas ás 8, 8^{1/2} e 9 horas da manhã, missas em suffragio das almas dos nossos antepassados. Fimda as quaes o vigario desta parochia, acompanhado por grande numero de pessoas, foi visitar o cemiterio.

— Matrimoniaram-se a 5 do corrente, o sr. José Ignacio de Oliveira com a distincta senhorita Maria Angelica da Conceição.

Paranypharam o acto; por parte do noivo o sr. João Ignacio de Oliveira, por parte da noiva o sr. João Dias da Cruz.

— As entradas das bandeiras, etc, que, conforme vos communicuei, deviam realizar-se no dia 1º do corrente, foram, devido ás chuvvas abundantes que aqui cahiram neste dia, realisadas hontem, domingo, havendo tambem missa solemne, ás 10 horas da manhã, occupando o côro a orchestra dirigida pelo estimado cidadão Saturnino Antonio da Fonseca.

F. M.

Os que se finam

Firmina Maria da Silva. — Falleceu a 17 do corrente a respeitavel viuva exma. sra. d. Firmina Maria da Silva, cunhada do nosso amigo o capitão Sergio Aurelio de Bittencourt, a quem, como a sua exma. esposa, apresentamos nossos pezames.

Julia Nossos pezames ao zeloso empregado da administração dos correios deste estado o sr. José Francisco de Azevedo, pelo transê cruel porque passou com a morte de sua gentil filha Julia, a 18 do corrente.

ANNUNCIOS

Demonstração de reconhecimento.

O abaixo assignado director da festa dramatica que o C. D. Floresta Aurora levou a effeito no noite de 14 do corrente, baldo de outros meios pelos quaes possa affirmar as sociedades *Recordação dos Operarios de S. Jeronymo, Alvorada, Recreio das Cinco, Recreio Juvenil, Grupo das Magaridas, União Juvenil e Recreio Floresta Aurora*, o seu reconhecimento pelo concurso cavalheresco que lhe foi prestado para o brilhantismo da mesma *série*, o faz pela imprensa, como uma declaração publica de que hypoteca ás associações acima, o melhor de seus sentimento de sympathia e gratidão.

Outro sim reporta a mesma manifestação a distincta joven d. Vicentina de Souza Bastos que tomou a si o encargo de pronunciar o discurso allusivo á festa e á daeta.

Porto Alegre, 20 de Nov. de 1904.
Conrado Alves Guimarães.

A casa — Ao n. 8
da rua da Olaria, com grande sortimento de móveis novos e usados, vende, por preços módicos, sobretodos, capas hespanholas, machinas de costura, livros, relógios, musicas instrumentadas para orchestra e banda todo o utensilio domestico.

Açougue Bôn Vista

de
Rocco Rosito

Este açougue montado a capricho e conforme as modernas reclamações e conselhos hygienicos, recebe diariamente carne gorda do

Matadouro Kreff de São Leopoldo

tanto de campo como de trato.

Tem sempre carne de porco e grande quantidade de

Salchiches

Salames

Linguicas

Todas as encomendas são attendidas com presteza e levadas a casa do freguez por um carrinho, somente a este fim destinado.

Rua Marechal Floriano 244

Esquina da Duque de Caxias.



COLCHOARIA

DE



Isidro Frederico Monero

Esta casa tem sempre á venda colchões, malas, camas de vento acolchoadas, cupulas, almofadas etc. etc.

Promptifica com maior brevidade qualquer trabalho de colchoeiro.

Preços razoaveis

14 — Rua Concordia — 14

(Centro da quadra)

Casa Non Plus Ultra

Grande deposito de calçado

de toda especie desde o mais fino até os mais economicos em preço.

Calçado de homem desde 6\$500 até 50\$000.

Esta casa não teme competencia em trabalhos sob medida.

Acceptam-se encomendas de qualquer genero.

Especialidade em chinellos e sapatos bordados e outros artigos proprios para presentes, bailes etc.

Unica casa que importa directamente calçados das principaes fabricas do exterior e do estrangeiro.

Perrone, Medaglia & Comp.

112 - Rua Marechal Floriano - 112

Armazem de Seccos e Molhados

Rua Voluntarios da Patria 171

Este estabelecimento tem sempre um grande sortimento de cereas assim como toda qualidade de bebidas nacionaes e estrangeiras, e uma confortavel sala para bebidas o publico onde encontrará de tudo por preços módicos.

Luiz Emilio Stieh.

Photographia Ferrari

Novidades illuminações photographicas pelo systema

Radio Tinte

Trabalha sobre porcelana, seda, linho imitação a esmalte, proprio para medalhas, pregadores, etc.

Rua dos Andradas, 254

O mais suave purgativo aquelle que por muitos motivos deve-se dar, de preferencia ás creanças, é o Crème de Palma Christis, preparada na Pharmacia Central de Pasquier & Fischer.

Bustos do dr. Julio de Castilhos

A Livraria do Commercio recebem de Paris artisticos bustos em bronze do dr. Julio de Castilhos, 1'4 do tamanho natural.

Casa de pensão

Ha uma bem afreguezada e localizada em uma das ruas mais centrais desta capital.

O motivo da venda não desagradará ao comprador.

Os pretendentes podem dirigir-se ao nosso escriptorio onde encontrarão com quem entender-se.

Lithographia

Minck & Robles

Neste estabelecimento promptifica-se com esmerada perfeição todos os trabalhos concernentes a esta arte.

402 — Rua dos Andradas — 402

Porto Alegre.

Cobranças

No escriptorio desta folha encontra-se quem informe pessoa idoneamente recomendada que incumbe-se de cobranças de alugueis de casa, locação e conservação das mesmas, pagamentos de decimas, etc.

Precisa-se de uma praticante de costura e de uma aprendiz. Informações na rua Dr. Flores (ant. Santa Catharina) n. 69.

Club Magos do Oriente

O abaixo assignado previne aos socios que todas as quintas-feiras realizar-se-ão sessões deste Club.

O presidente:
Cypriano Matta.

Mercado

Banca n. 1, (primeira quem vem da banca do peixe). — Vende-se turubi, noqueira, baicuru, cascas, raizes e todas as ervas medicinaes, colhidas na lina apropriada. Assim como tem sempre mel de pau legitimo, tripas para linguicas e salames, mocotó limpo, proprio para ser preparado em casas de familias.

Manoel Bento Rodrigues & Cia.

Loja de Fazendas e Miudezas

de

João Paulinelli

Esta casa tendo resolvido fazer venda do seu bellissimo sortimento de

Fazendas de lei e modas

Fez grande redução nos preços e offerece á sua estimavel freguezia ao publico em geral

chitas

morins

cretones

sedas

tecidos de phantasia

miudezas

perfumarias.

Porem como em todas as cousas a vista faz fé rogamos aos amantex das pechinhas de virem apreciar o bellissimo sortimento de calçados, chapéus, roupas de crianças e de homens, capas de boracha, etc.

249 — Rua dos Andradas — 249



Atenção!

AÇOUGUE CENTRAL

de Carlos Schiafino

Neste açougue montado conforme as disposições municipaes e exigencias da moda, tem sempre carne gorda e aos domingos carne de porco.

Manda-se entregar em casa dos freguezes o peso de carne que escolherem, etc.

Rua Coronel Genuino n. 73.

PORTO ALEGRE.

A administração do jornal

„O EXEMPLO“

Rua da Concordia
n.º 6.

Tinturaria Paulista

de
ROCCO SICA

Rua Blachuelo n. 341 (Praça do Portão)

Tinge-se e limpa-se roupa de homem e de senhoras.

Aprompta-se roupa para lucto em 24 horas.

A' ALLIANÇA

Officinas para a fabricação de Joias de Ouro e Prata, lisas, lavradas, cinzeladas, gravadas, etc.

Monogrammas brilhados com gosto e arte

Officinas para concertos de Relogios, Joias, Caixaes com musicas e outros instrumentos.

Galvaniza-se a ouro e prata. Fabricam-se oculars por medida

Todos os trabalhos são garantidos

Felippe Jeanselme da Silva

Rua d. Andradas n. 239 e 241

PORTO ALEGRE

Casamento Civil

No escriptorio desta folha ha quem prepare mediante modica contribuição todo o processo e de instruções referentes a divorcios, nullidades de casamentos etc.